



B1

ISSN: 2595-1661

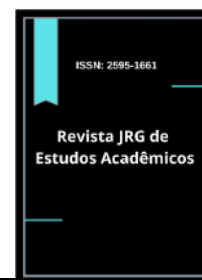
ARTIGO DE REVISÃO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Incontinência urinária em profissionais de enfermagem em ambientes hospitalares: uma revisão de escopo

Urinary incontinence among nursing professionals in hospital settings: a scoping review

DOI: 10.55892/jrg.v7i15.1552

ARK: 57118/JRG.v7i15.1552

Recebido: 06/11/2024 | Aceito: 12/11/2024 | Publicado *on-line*: 13/11/2024

Maria Solange Nogueira dos Santos¹

<https://orcid.org/0000-0002-8509-1989>

<https://lattes.cnpq.br/7953533839894493>

Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil

E-mail: solangedocencia18@gmail.com

Samara Hellen Nogueira de Freitas²

<https://orcid.org/0000-0003-0266-7717>

<http://lattes.cnpq.br/6410109838991032>

Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil

E-mail: samaranogueira312@gmail.com

Edna Maria Camelo Chaves³

<https://orcid.org/0000-0001-7752-3924>

<http://lattes.cnpq.br/1859568119130292>

Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil

E-mail: edna.chaves@uece.br

Silveria Lopes Ponte Prado⁴

<https://orcid.org/0000-0001-7752-3924>

<http://lattes.cnpq.br/1859568119130292>

Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil

E-mail: silverialopesprado@gmail.com

Lidiane do Nascimento Rodrigues⁵

<https://orcid.org/0000-0003-1503-4855>

<http://lattes.cnpq.br/1344232584541930>

Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil

E-mail: lidianerodrigues09@gmail.com

Dayana Maia Saboia⁶

<https://orcid.org/0000-0001-9572-2142>

<http://lattes.cnpq.br/3446046718769081>

Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil

E-mail: day_saboia@yahoo.com.br



¹ Graduação em enfermagem pela Fametro. Doutora em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará.

² Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará.

³ Graduação em enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará. Doutora em Farmacologia pela Universidade Federal do Ceará. Professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará e colaboradora do Programa de Pós-Graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde.

⁴ Graduação em enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre Tecnologia e Inovação em Enfermagem pela Universidade de Fortaleza.

⁵ Graduação em Enfermagem pela Fametro. Doutora em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará.

⁶ Graduação em enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Doutora em enfermagem pela Universidade Federal do Ceará.

Resumo

Introdução: A prevalência de incontinência urinária (IU) ocorre na enfermagem nos ambientes hospitalares. O objetivo é investigar a prevalência da incontinência urinária entre profissionais de enfermagem que atuam em unidades hospitalares e como essa condição impacta nas atividades diárias. **Método:** Trata-se de uma revisão de escopo realizada em junho de 2024, que mapeou como a incontinência urinária afeta o desempenho no trabalho, incluindo produtividade, adesão a práticas de autocuidado e limitações nas atividades diárias. Foram incluídos estudos observacionais, transversais, dissertações. Como critérios de exclusão, foram considerados estudos de revisão, cartas ao editor, resumos, estudos em fase de projeto, capítulos de livros e livros completos. O protocolo foi registrado na plataforma Open Science Framework, e as fontes de pesquisa incluíram seis bases Medline/PubMed, Web of Science, Scopus, Lilacs, Embase e CINAHL e como literatura cinzenta CAPES Teses e Dissertações e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. **Resultados:** identificou uma prevalência variável de IU entre enfermeiros e auxiliares de enfermagem. Os impactos da incontinência urinária entre profissionais de enfermagem variam desde desconforto físico até questões emocionais como ansiedade e vergonha, diminuindo a produtividade e aumentando a propensão a deixar a profissão. **Considerações Finais:** A revisão identificou uma prevalência significativa de IU entre enfermeiros em unidades hospitalares. Os impactos da incontinência urinária são substanciais, afetando aspectos físicos, emocionais e profissionais.

Palavras-chaves: Enfermeiras e Enfermeiros; Incontinência Urinária; Qualidade de Vida; Hospitais; Prevalência.

Abstract

Introduction: The prevalence of urinary incontinence (UI) is notable among nursing professionals in hospital settings. The aim of this study is to investigate the prevalence of urinary incontinence among nursing professionals working in hospital units and how this condition impacts their daily activities. **Method:** This is a scoping review conducted in June 2024, which mapped how urinary incontinence affects work performance, including productivity, adherence to self-care practices, and limitations in daily activities. Observational and cross-sectional studies, as well as dissertations, were included. Exclusion criteria comprised review studies, letters to the editor, abstracts, studies in the project phase, book chapters, and complete books. The protocol was registered on the Open Science Framework platform, and the research sources included six databases: Medline/PubMed, Web of Science, Scopus, Lilacs, Embase, and CINAHL, as well as gray literature from CAPES Theses and Dissertations and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations. **Results:** The study identified a variable prevalence of UI among nurses and nursing assistants. The impacts of urinary incontinence among nursing professionals range from physical discomfort to emotional issues, such as anxiety and embarrassment, reducing productivity and increasing the likelihood of leaving the profession. **Conclusion:** The review identified a significant prevalence of UI among nurses in hospital units. The impacts of urinary incontinence are substantial, affecting physical, emotional, and professional aspects.

Keywords: Nurses; Urinary Incontinence; Quality of Life; Hospitals; Prevalence.

1. Introdução

Os profissionais de enfermagem exercem uma profissão altamente exigente. No desempenho de suas funções, enfrentam desafios físicos, mentais, emocionais e éticos, que variam conforme a função e o ambiente de trabalho. Esses desafios incluem riscos de infecção, agressões físicas ou verbais, e a demanda por cuidados físicos intensivos, fatores que afetam diretamente a saúde e o bem-estar e influenciam seu desempenho no trabalho. (Kime; Zwolinsky; Pringle, 2023).

Entre as várias condições que podem comprometer a saúde dos profissionais de saúde está a incontinência urinária (IU), que afeta entre 25% e 45% das mulheres. O tratamento adequado dessa condição melhora significativamente a qualidade de vida das pacientes, sendo necessário ajustá-lo ao nível de desconforto e ao tipo específico de disfunção (Nightingale, 2020). Em mulheres, a disfunção do assoalho pélvico inclui distúrbios como a IU, o prolapso de órgãos pélvicos e a incontinência fecal. Em um estudo observacional realizado na Espanha com 1.446 mulheres entre 2021 e 2022, 55,8% das participantes apresentaram IU, evidenciando a alta prevalência dessa condição em mulheres, incluindo as profissionais de saúde (Peinado-Molina *et al.*, 2023).

Uma revisão sistemática mostrou uma alta prevalência de disfunções do trato urinário inferior entre enfermeiras, variando de 9,9% a 89,6%. Fatores ocupacionais, como levantamento de pesos e hábitos urinários inadequados, foram identificados como contribuintes (Lopes *et al.*, 2019). A IU compromete a qualidade de vida de milhões de mulheres, afetando-as física, emocional e socialmente. No contexto do trabalho dos enfermeiros(as), desafios intensos intensificam esses impactos negativos da IU sobre a saúde e o bem-estar. Dada a alta prevalência de IU em mulheres e as exigências físicas e emocionais da enfermagem, torna-se essencial investigar como o ambiente de trabalho influencia essa condição.

A compreensão desses fatores contribuintes é fundamental para promover um ambiente mais seguro e saudável. Este estudo tem relevância social ao incentivar mudanças organizacionais que melhorem o bem-estar dos profissionais de enfermagem e, conseqüentemente, a qualidade do atendimento. No âmbito acadêmico, preenche uma lacuna nas pesquisas sobre IU em profissionais de enfermagem, fornecendo uma base para novos estudos interdisciplinares. Embora muitos estudos tenham focado na incontinência urinária (IU) em mulheres de forma geral, existe uma lacuna específica na pesquisa sobre profissionais de enfermagem em hospitais. Esta revisão busca preencher essa lacuna, oferecendo uma visão abrangente da prevalência e dos impactos da IU entre esses profissionais. O objetivo é investigar a prevalência de IU entre profissionais de enfermagem em unidades hospitalares; e como essa condição impacta nas atividades diárias.

2. Metodologia

Trata-se de uma revisão de escopo, proposta pelo Instituto Joanna Briggs em 2020, adotada para investigar sistematicamente os achados disponíveis na literatura (Peters *et al.*, 2020). A escolha desta metodologia foi motivada pela necessidade de identificar a prevalência da incontinência urinária e os impactos vivenciados pelos profissionais de enfermagem, como desconforto, fadiga e complicações secundárias, além das implicações emocionais, como ansiedade, vergonha e redução da autoestima profissional. A revisão busca o mapeamento de como a incontinência urinária influencia o desempenho no trabalho, incluindo a produtividade, adesão a práticas de autocuidado e as limitações nas atividades diárias.

Além disso, seguimos as recomendações delineadas pela extensão para Revisões de Escopo do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA-ScR) Figura 1. O protocolo foi registrado na plataforma Open Science Framework (OSF) em 16 de setembro de 2023, com a identificação DOI 10.17605/OSF.IO/VTZ8P.

A estratégia População, Conceito e Contexto (PCC) foi empregada para a formulação da pergunta de pesquisa nesta revisão de escopo. Esta análise contou com a participação de profissionais de enfermagem diagnosticados com IU como População (P). O conceito (C) explorado foi a prevalência da IU. O contexto (C) abordou os impactos dessa condição nas atividades diárias, dos profissionais de enfermagem em ambientes hospitalares. Qual é a prevalência da incontinência urinária entre profissionais de enfermagem que atuam em unidades hospitalares, e como essa condição impacta nas atividades diárias ?

Para a seleção dos artigos, foram estabelecidos critérios de inclusão que abrangiam estudos sobre disfunção do assoalho pélvico com ênfase na IU, nos profissionais de enfermagem, incluindo estudos observacionais, transversais, quantitativos e/ou qualitativos, com dados primários. Os materiais deveriam estar disponíveis nas principais bases de dados da área da saúde e redigidos em português, inglês ou espanhol, sem restrições quanto ao período de publicação.

Os critérios de exclusão incluíram estudos de revisão, cartas ao editor, resumos, estudos em fase de projeto, capítulos de livros e livros completos, visto que não dispunham de resultados concisos sobre a incontinência urinária em enfermeiros em ambientes hospitalares.

A extração de dados foi realizada no mês de junho de 2024 (Quadro 1). Esta pesquisa abrangeu seis bases de dados: 1) MEDLINE/PubMed (via Biblioteca Nacional de Medicina), 2) Embase, 3) Web of Science, 4) Scopus, 5) Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e 6) Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature (CINAHL). Como literatura cinzenta, foi utilizada a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) (Figura 1).

Quadro 1- Estratégias de Busca-Fortaleza, CE, Brasil, 2024.

BASE/PORTAL	ESTRATÉGIA DE BUSCA 06.06.2024
MEDILINE/PUBMED	Nurses AND ("Urinary Incontinence" OR " Incontinence, Urinary") AND ("Shift Work Schedule" OR Hospitals OR Prevalence)
EMBASE	('nurses'/exp OR nurses) AND ('urinary incontinence'/exp OR 'urinary incontinence' OR 'incontinence, urinary') AND ('shift work schedule'/exp OR 'shift work schedule' OR 'hospitals'/exp OR hospitals OR 'prevalence'/exp OR prevalence)
Web Of Science	Nurses AND ("Urinary Incontinence" OR " Incontinence, Urinary") AND ("Shift Work Schedule" OR Hospitals OR Prevalence)
SCOPUS	Nurses AND ("Urinary Incontinence" OR " Incontinence, Urinary") AND ("Shift Work Schedule" OR Hospitals OR Prevalence)
Portal BVS/ Lilacs	Nurses AND ("Urinary Incontinence" OR " Incontinence, Urinary") AND ("Shift Work Schedule" OR hospitals OR prevalence) AND (db:("LILACS"))
CINAHL	Nurses AND ("Urinary Incontinence" OR " Incontinence, Urinary") AND ("Shift Work Schedule" OR Hospitals OR Prevalence)
BDTD	'Nurses AND ("Urinary Incontinence" OR " Incontinence, Urinary") AND ("Shift Work Schedule" OR Hospitals OR Prevalence)'

Fonte: elaborado pelos autores, 2024.

A busca por estudos relevantes foi realizada por dois avaliadores independentes. A extração do material nas bases CAPES Teses e Dissertações e BDTD foi feita manualmente, com o download de todos os trabalhos resultantes. Para as demais bases, utilizou-se o gerenciador de referências EndNote Web (Mendes; Silveira; Galvão, 2019) para remover duplicatas inicialmente. Em seguida, os artigos foram importados para o gerenciador Rayyan (Ouzzani *et al.*, 2016) desenvolvido pelo Qatar Computing Research Institute (QCRI).

Nessa etapa, ainda foi identificado duplicatas as quais foram removidas, realizou a triagem dos estudos de forma independente. Divergências foram resolvidas por um terceiro pesquisador com experiência na área. A seleção inicial dos artigos ocorreu por meio da leitura de títulos e resumos, com base nos critérios pré-estabelecidos no estudo. Os estudos incluídos na primeira etapa foram lidos na íntegra para verificar sua elegibilidade. Os artigos excluídos tiveram suas respectivas justificativas registradas, e todas as referências foram verificadas quanto à sua relevância potencial.

As etapas de identificação e seleção foram documentadas por meio do fluxograma do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA-ScR) (Tricco *et al.*, 2018)(Figura 1). Foi definida e adaptada uma estratégia de extração de dados com base no manual do JBI, visando à seleção das seguintes informações relevantes: 1) Caracterização do estudo: autor, país, periódico, temática, ano, título, objetivo e delineamento (Quadro 2); e 2) Principais resultados e conclusões (Quadro 3) sobre o impacto da incontinência urinária nas atividades diárias dos profissionais de enfermagem diagnosticados com a condição. As informações foram organizadas em tabelas com conteúdo narrativo, utilizando o Microsoft Excel.

3. Resultados

A busca nas fontes de informação identificou um total de 2527 publicações, das quais 1354 foram excluídas por se tratar de duplicatas, restando 1173 publicações, destas foram analisados títulos e resumos com exclusão 1084 artigos, mediante aplicação de critério de inclusão. Em vista disso foram analisados na íntegra 89 estudos e, destes, 6 atenderam aos critérios de inclusão conforme disposto na figura 1.

No quadro 2 apresenta estudos com foco na incontinência urinária (IU) com enfermeiros e equipe de enfermagem, abrangendo tanto análises de prevalência quanto a relação com o ambiente de trabalho.

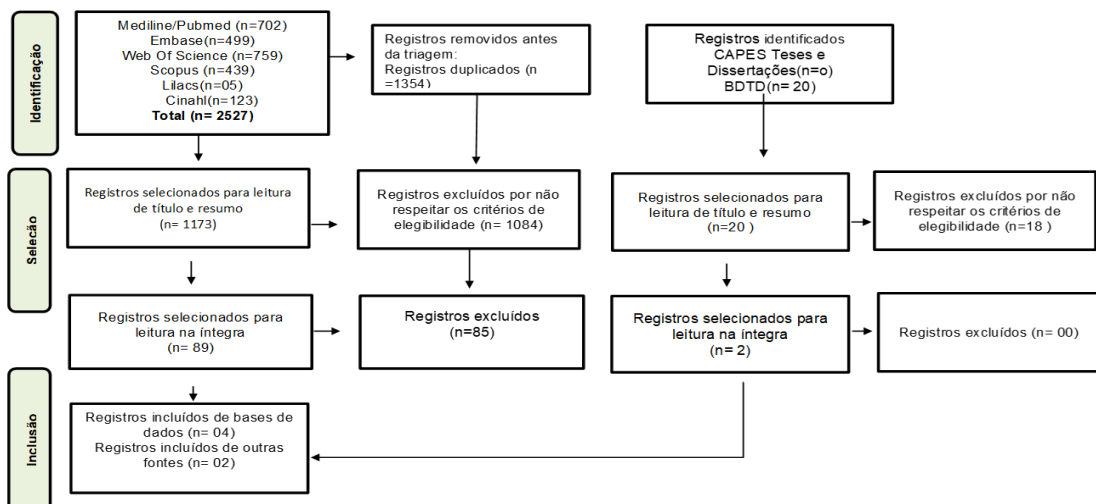


Figura 1-Fluxograma de buscas, conforme recomendações do PRISMA-ScR-Fortaleza, Ceará, Brasil, 2024.

Os estudos também incluem uma análise transversal de enfermeiras chinesas que investiga a prevalência da disfunção do assoalho pélvico e sua relação com as condições do trabalho (Rumeng *et al.*,2023). Outros dois estudos brasileiros (Higa;Lopes,2007; Higa; Lopes, 2007b) exploram as prevalências e impactos da IU, bem como as atitudes e desafios enfrentados pelas enfermeiras no manejo dessa condição. Um estudo australiano (Pierce *et al.*,2017) examina a relação entre IU, condições de trabalho e a intenção das enfermeiras e parteiras em deixar o emprego.

Além disso, dois estudos realizados em Ribeirão Preto-SP (Ribeiro, 2011; Higa,2004) analisam a prevalência e os fatores associados à IU, focando nos riscos e consequências no contexto hospitalar. Estes estudos utilizam o desenho transversal, com uma exceção de um estudo misto, proporcionando uma visão ampla sobre como a IU afeta a vida profissional e pessoal dos profissionais de enfermagem.

Quadro 2. Caracterização e síntese dos artigos mapeados. Fortaleza,CE,Brasil,2024.

Nº	Título	Autor/Ano/ País	Objetivos	Desenho do estudo
1A1	Work-related factors associated to urinary symptoms in Brazilian female nurses: A cross-sectional study	(Rumeng <i>et al.</i> ,2023),Nanquim, China.	Investigar a prevalência de disfunção do assoalho pélvico (DAP) e sua associação com as condições do local de trabalho entre enfermeiras na China.	Estudo transversal
A 2	Porque profissionais de enfermagem com incontinência urinária não buscam tratamento	(Higa;Lopes,2007), Brasil.	Verificar a prevalência de IU em geral e de acordo com a categoria profissional; conhecer o tempo de incontinência; verificar a quantidade de urina perdida e identificar as restrições causadas pela IU	Estudo misto
A3	The impact of urinary incontinence on female nursing personnel	(Higa; Lopes, 2007b) Brasil.	Avaliar a prevalência de queixas de IU. Identificar as restrições impostas pela IU ao estilo de vida dessas mulheres, comprometimentos, facilidades e dificuldades.	Estudo transversal
A4	Urinary incontinence, work, and intention to leave current job: A cross-sectional survey of the Australian nursing and midwifery workforce	(Pierce <i>et al.</i> ,2017),Austrália.	Determinar a prevalência e a gravidade da incontinência urinária (IU) em um grupo de enfermeiras e parteiras, e examinar a relação entre a IU, o trabalho e a intenção de deixar o emprego atual.	Estudo transversal

A5	Prevalência e fatores associados de incontinência urinária em profissionais de enfermagem de um hospital universitário	(Ribeiro, 2011)Brasil.	Analisar a prevalência de incontinência urinária e fatores associados em profissionais de enfermagem que atuam em um Hospital Universitário de Ribeirão Preto-SP.	Pesquisa descritiva e exploratória de corte Estudo transversal
A6	Prevalência e fatores associados de incontinência urinária em profissionais de enfermagem de um hospital universitário.	(Higa,2004). Brasil.	Analisar a prevalência de incontinência urinária e fatores associados em profissionais de enfermagem que atuam em um Hospital Universitário de Ribeirão Preto-SP. Identificar fatores de risco quanto as possíveis consequências da IU para essas profissionais em seu ambiente de trabalho	Estudo Transversal

Fonte: Elaborado pelos autores,2024.

No quadro 3 é um compilado dos achados nos artigos acerca da prevalência de incontinência urinária (IU) entre enfermeiras que destacou uma prevalência significativa de 27,5%, com impactos notáveis na qualidade de vida e no desempenho profissional. As condições de trabalho, como levantamento de peso e restrição de uso de banheiros, foram identificadas como fatores contribuintes. A baixa procura por tratamento e a falta de conscientização sobre a gravidade da IU são preocupantes. Intervenções ergonômicas e programas de saúde ocupacional são recomendados para mitigar os efeitos da IU e melhorar a saúde e a eficiência das enfermeiras.

Quadro 3. Síntese dos resultados e conclusões dos estudos apresentados Fortaleza,CE,Brasil,2024.

Nº	Principais resultados	Conclusão
A1	A análise dos dados indicou uma prevalência de 83,9% de disfunção do assoalho pélvico (DAP) entre enfermeiros, sendo a incontinência urinária (IU) um dos sintomas relatados. O questionário de Impacto Urinário-7 foi utilizado para avaliar a interferência da IU nas atividades diárias, revelando que enfermeiros que frequentemente retardavam a ida ao banheiro, tinham baixa ingestão de líquidos ou realizavam levantamentos de peso com frequência apresentavam maior risco de desenvolver DAP. A condição impactou negativamente a qualidade de vida, com relatos de estresse e ansiedade em relação aos aspectos emocionais.	Alta prevalência de disfunção do assoalho pélvico entre enfermeiras, atribuída a condições de trabalho desfavoráveis, como levantamento frequente de cargas e atrasos no uso do banheiro. Recomenda-se a adoção de práticas ergonômicas, acesso facilitado a banheiros e programas educativos, além de intervenções no ambiente de trabalho que priorizem a saúde ocupacional.
A2	A prevalência de (IU) foi de 28,9% entre os enfermeiros e de 61,5% entre técnicos e auxiliares de enfermagem, sendo mais elevada nos técnicos de enfermagem. O impacto da IU revelou que 68% das mulheres afetadas relataram o início dos sintomas há pelo menos cinco anos. A condição impactava negativamente o desempenho no trabalho, principalmente devido ao medo de perda	Ocorreu impacto negativo nas atividades profissionais e sexuais. O estresse e a diminuição da produtividade, necessidade de programas educacionais que melhorem o manejo da IU. A relutância em buscar tratamento, muitas vezes vista como um problema menor pelas enfermeiras,

	de urina e ao constrangimento causado pelo odor. Quanto à procura por tratamento, apenas 21% das enfermeiras com IU buscaram ajuda médica, muitas vezes deixando de fazê-lo devido à natureza esporádica das perdas urinárias e à crença de que a IU é uma condição comum entre mulheres.	indica uma urgente necessidade de aumentar a conscientização sobre a seriedade da IU e promover o acesso a intervenções eficazes. A implementação de medidas educativas.
A3	A prevalência de incontinência urinária (IU) foi de 28,9% entre enfermeiros e 61,5% entre técnicos e auxiliares de enfermagem, sendo mais elevada entre os técnicos. O impacto da IU mostrou que 68% das mulheres afetadas relataram o início dos sintomas há pelo menos cinco anos, prejudicando o desempenho no trabalho, especialmente pelo medo de perda de urina e pelo constrangimento causado pelo odor. Quanto à busca por tratamento, apenas 21% das enfermeiras com IU procuraram ajuda médica, frequentemente devido à natureza esporádica das perdas e à crença de que a IU é comum entre mulheres.	Modificações nas tarefas que exigem esforço físico, incluindo pausas regulares para uso do banheiro, podem reduzir a incidência de incontinência urinária (IU) entre enfermeiras e melhorar significativamente sua qualidade de vida.
A4	A prevalência de incontinência urinária (IU) variou entre as categorias profissionais, sendo mais alta entre os auxiliares de enfermagem (43,4%), seguida por técnicas de enfermagem (26,2%) e enfermeiras (21,4%). O impacto da IU é evidente tanto na saúde mental quanto na vida profissional dos enfermeiros e parteiras. A condição está frequentemente associada ao aumento de sintomas de ansiedade e depressão, especialmente entre aqueles com formas mais graves de IU, ressaltando seu forte impacto emocional.	Neste estudo, a incontinência urinária (IU) mostrou-se mais prevalente entre auxiliares de enfermagem, evidenciando um problema significativo que demanda intervenções específicas para melhorar as condições de trabalho e a saúde desses profissionais.
A5	A prevalência de incontinência urinária (IU) no estudo foi de 30,94%, sendo mais frequente entre técnicas e auxiliares de enfermagem (25,48%) em comparação com as enfermeiras (5,46%). Houve impacto significativo, com cerca de 30,7% das profissionais afetadas relatando restrições em suas atividades sexuais e ocupacionais, enquanto 18,7% enfrentaram limitações em suas atividades de trabalho.	A incontinência urinária (IU) impacta significativamente as atividades profissionais e sociais das enfermeiras, ressaltando a necessidade de ações de suporte, como ajustes no ambiente de trabalho e campanhas de conscientização.
A6	A prevalência de incontinência urinária (IU) entre as enfermeiras na amostra foi de 32% nas últimas quatro semanas. Para aliviar os sintomas, essas profissionais adotam estratégias como restrição de líquidos, uso de absorventes e esvaziamento regular da bexiga. Além disso, o impacto emocional da IU é expressivo, pois a exposição diária à condição perante colegas e equipes multidisciplinares gera estresse e afeta negativamente o bem-estar emocional das enfermeiras.	Estratégias preventivas no ambiente de trabalho, como maior flexibilidade para pausas e acesso facilitado a banheiros, podem diminuir a necessidade de medidas paliativas e melhorar a qualidade de vida das profissionais. A incontinência urinária (IU) causa um impacto emocional e psicológico significativo, tornando essencial uma abordagem abrangente para apoiar a saúde mental das enfermeiras afetadas.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

A prevalência e os impactos da incontinência urinária (IU), na equipe da enfermagem, particularmente entre enfermeiras, revelam uma condição amplamente disseminada que interfere tanto na saúde física quanto emocional, além de impactar o desempenho profissional em ambientes hospitalares. Nos estudos analisados, a prevalência geral de disfunções do assoalho pélvico (DAP) é destacada como alta,

com variáveis prevalências de IU: de 27,5% a 32% nas diferentes amostras, indicando a necessidade de estratégias mais robustas para o manejo dessa condição no ambiente hospitalar.

Esses estudos indicam que a incontinência urinária (IU), como manifestação frequente das disfunções do assoalho pélvico (DAP), impõe limitações significativas. No estudo de Rumeng *et al.* (2023), observou-se que 83,9% das enfermeiras apresentaram algum tipo de DAP, incluindo disfunções como prolapso de órgãos pélvicos (POP) e disfunções anorretais, com 60,5% relatando sintomas urinários que comprometem sua qualidade de vida e desempenho profissional. Outros estudos, como os de Pierce *et al.* (2017) e Higa (2004), reforçam essa associação, destacando que a IU está ligada a sintomas emocionais e físicos, como ansiedade e estresse, e pode até levar ao desejo de abandonar a profissão, especialmente entre enfermeiras mais velhas ou com condições preexistentes, como hipertensão e obesidade.

Uma linha comum entre os estudos é a identificação de fatores de risco ocupacionais e comportamentais que agravam a incontinência urinária (IU). Hábitos como adiar a ida ao banheiro, ingerir líquidos insuficientes e realizar atividades que exigem levantamento de peso evidenciam como o ambiente de trabalho pode intensificar os sintomas de IU e das disfunções do assoalho pélvico (DAP) (Rumeng *et al.*, 2023; Higa & Lopes, 2007). A necessidade de lidar com episódios de perda urinária durante o expediente gera constrangimento e impacta negativamente a autoestima, com profissionais relatando preocupações quanto a odores e aparência no ambiente hospitalar (Higa & Lopes, 2007). Esse desconforto não se limita ao local de trabalho, afetando também a vida social e íntima dessas profissionais. Estudos de Higa e Lopes (2007) revelam que algumas enfermeiras enfrentam desconfortos físicos, como dor, ou receios relacionados à incontinência durante relações íntimas.

Os dados apresentados demonstram que a incontinência urinária (IU) impacta negativamente a produtividade e a capacidade de manter o ritmo em turnos longos, especialmente entre profissionais com sintomas intensos (Ribeiro, 2011). Além disso, as estratégias paliativas adotadas por essas profissionais, como o uso de absorventes e a redução da ingestão de líquidos, trazem efeitos adversos adicionais, incluindo irritações de pele e infecções urinárias, conforme registrado por Higa e Lopes (2007).

Estudos como os de Pierce *et al.* (2017) e Higa (2004) também destacam o impacto emocional da IU, que está associada ao agravamento de condições psicológicas, como ansiedade e depressão, especialmente entre profissionais de 45 a 59 anos. Esse efeito é ainda mais notável entre aquelas com sintomas graves, aumentando a intenção de deixar o emprego e sublinhando as dificuldades em adaptar o ambiente de trabalho para quem enfrenta limitações relacionadas à IU.

Os estudos analisados sugerem que medidas preventivas e melhorias no ambiente de trabalho são essenciais para mitigar os efeitos negativos da IU na vida das profissionais. Recomenda-se, por exemplo, a implementação de políticas institucionais que incentivem pausas regulares e o acesso facilitado a banheiros, além de programas de educação para práticas de autocuidado, que poderiam reduzir o impacto da IU no desempenho e na qualidade de vida das profissionais de saúde.

De forma geral, a prevalência da IU revelou-se significativa em todos os estudos, variando de aproximadamente 27,5% a 32% entre enfermeiras. Auxiliares de enfermagem apresentaram prevalências ainda mais altas, como indicado em estudos de Pierce *et al.* (2017) e Ribeiro (2011), sugerindo que a alta carga de trabalho físico e a menor autonomia para pausas podem intensificar os sintomas de IU.

Esses impactos são consistentes: a IU prejudica o desempenho no trabalho, causa desconforto social e afeta a vida pessoal e emocional. Profissionais de

enfermagem relataram ansiedade, estresse e, em alguns casos, uma maior probabilidade de deixar o emprego devido à gravidade dos sintomas. Assim, os dados sugerem que intervenções como melhorias nas condições de trabalho, acesso facilitado a banheiros e suporte psicológico poderiam beneficiar os profissionais afetados pela IU, reduzindo os impactos físicos, emocionais e profissionais.

Discussão

Os resultados desta revisão de escopo evidenciam a elevada prevalência de Incontinência Urinária (IU) entre os profissionais de enfermagem, destacando também a prevalência da Disfunção do Assoalho Pélvico (DAP). Embora a IU seja frequentemente associada ao envelhecimento (Carneiro *et al.*, 2017), ela se manifesta entre os profissionais de enfermagem devido às condições de trabalho, impactando na qualidade de vida. Este problema pode levar ao isolamento e à depressão devido ao estigma associado, o que frequentemente desencoraja esses profissionais de saúde a procurarem tratamentos eficazes (Alencar-Cruz e Lira-Lisboa, 2019; Sousa, Cunha e Costa, 2023).

Além das condições gerais enfrentadas por profissionais de enfermagem, um estudo mais específico realizado em Enugu, Nigéria, oferece insights adicionais sobre a prevalência e o impacto da incontinência urinária (IU) entre as trabalhadoras de saúde. A prevalência foi de 44,9%, sendo a incontinência urinária de urgência a forma mais comum. As profissionais de saúde com mais de 39 anos apresentaram maior probabilidade de desenvolver a condição. A maioria das participantes relatou episódios de perda urinária uma vez por semana, com pequenas quantidades de extravasamento. O impacto na qualidade de vida foi classificado como leve para 39,0% das trabalhadoras, moderado para 32,2%, e grave para 19,0% (Uzoigwe *et al.*, 2023).

Outro estudo, conduzido com mulheres acima de 60 anos no Rio Grande do Sul, revelou uma correlação inversamente proporcional entre a gravidade da incontinência urinária (IU) e a função sexual em idosas. Observou-se que algumas manifestaram tanto a IU quanto disfunções sexuais, independentemente de sua atividade física (Mazo *et al.*, 2021).

Dentro das disfunções associadas à pelve (DAP), temos a incontinência urinária (IU) e a disfunção sexual (DSF). A IU pode manifestar-se como perda urinária durante o ato sexual (incontinência coital) ou gerar receio de escape urinário durante a relação, o que pode causar ansiedade e levar à evitação da atividade sexual. A IU em mulheres pode provocar diversas disfunções sexuais, afetando negativamente sua qualidade de vida. A saúde sexual desempenha um papel fundamental na autoestima, no bem-estar emocional e na qualidade de vida como um todo (Burzynski *et al.*, 2022).

Conforme Fernandes Figueira (2022), a IU é considerada um problema significativo de saúde pública. Muitas mulheres hesitam em discutir essa questão, seja por constrangimento, falta de informação sobre tratamentos disponíveis, ou medo de intervenções cirúrgicas. Os achados revelam que as cargas de trabalho influenciam os sintomas do trato urinário inferior (LUTS), principalmente através de comportamentos de micção tardia, exacerbados pelas exigências do ambiente de trabalho. Esses comportamentos contribuem para uma prevalência de DAP entre as enfermeiras de 83,9% (Santana, Ferreira e Santana, 2020).

A necessidade de estratégias específicas para amenizar esses comportamentos e preservar a saúde urinária é reforçada por uma revisão sistemática, que mostra a prevalência de sintomas relacionados a disfunções do trato urinário inferior variando de 9,9% a 89,6%. Esta revisão enfatiza a importância de

intervenções imediatas focadas em práticas ergonômicas, pausas regulares para o uso do banheiro e a disponibilidade de instalações adequadas (Iamundo *et al.*, 2022).

Um estudo destaca que a incontinência urinária afeta 27,5% das enfermeiras, com muitas relatando medo e constrangimento no trabalho devido à perda involuntária de urina. Surpreendentemente, apenas 21% das afetadas buscam tratamento, muitas vezes devido à percepção equivocada de que a IU é uma condição benigna e inerente ao envelhecimento (Santana, Ferreira e Santana, 2020).

As estratégias de autogerenciamento, suportadas por profissionais de saúde, ressaltam a necessidade urgente de programas educativos que aumentem a conscientização sobre a IU e incentivem o tratamento adequado (Fu *et al.*, 2023).

Essas abordagens, destacadas também por um estudo de revisão de 2020, podem melhorar não só a saúde das enfermeiras, mas também sua produtividade e bem-estar no ambiente de trabalho (Oliveira *et al.*, 2020).

Os achados enfatizam que a saúde urinária das enfermeiras está fortemente ligada às condições laborais, e que intervenções no ambiente de trabalho são fundamentais para prevenir o agravamento dessas condições. Estratégias que focam no diagnóstico precoce, educação sobre manejo de sintomas e melhoria das condições físicas no ambiente hospitalar podem ter um impacto positivo tanto na saúde das enfermeiras quanto na qualidade do cuidado prestado aos pacientes (Kessler *et al.*, 2022).

Exploramos como as intensas demandas de trabalho enfrentadas pelos profissionais de enfermagem podem afetar diretamente sua saúde urinária, especificamente provocando sintomas do trato urinário inferior (LUTS). Esses profissionais, frequentemente submetidos a longas jornadas de trabalho, podem postergar a micção devido às exigências do ambiente hospitalar (Kok *et al.*, 2021).

Diante dessa realidade, é essencial desenvolver estratégias que não somente gerencie esse comportamento, mas também ofereçam suporte, incluindo técnicas de redução de estresse. Essas abordagens têm o potencial não apenas de melhorar a qualidade de vida dos enfermeiros, mas também de preservar a saúde da bexiga, promovendo a dignidade humana no cuidado à saúde (Rao *et al.*, 2024).

A maioria dos estudos sobre a incontinência urinária (IU) entre profissionais de enfermagem é de natureza transversal, o que impõe limitações significativas na capacidade de inferir causalidade entre as condições de trabalho e a IU. Estudos longitudinais seriam mais adequados para estabelecer uma relação causal e acompanhar a evolução da IU ao longo do tempo, especialmente em resposta a mudanças nas condições de trabalho. Além disso, enfrentamos uma escassez de pesquisas nesse campo, em grande parte devido ao estigma e ao constrangimento associados à condição, o que pode levar à subestimação da sua verdadeira prevalência entre esses profissionais. A falta de estudos qualitativos e/ou quantitativos também limita a compreensão das experiências pessoais e do impacto emocional da IU, aspectos essenciais para o desenvolvimento de intervenções eficazes e humanizadas.

A revisão sublinha a necessidade de intervenções proativas no ambiente de trabalho, incluindo melhorias nas condições físicas, suporte psicológico e educação contínua sobre saúde urinária. Tais medidas podem melhorar significativamente a qualidade de vida dos enfermeiros e aumentar sua eficiência profissional, contribuindo assim para a melhoria da qualidade dos cuidados de saúde prestados.

Considerações finais

A revisão identificou uma prevalência significativa de incontinência urinária (IU) entre enfermeiros que atuam em unidades hospitalares. Os impactos da IU são substanciais, afetando os aspectos físicos, emocionais e profissionais da enfermagem. Fisicamente, a IU pode causar desconforto e exigir medidas adaptativas, como o uso frequente de banheiros ou produtos absorventes. Emocionalmente, a condição está associada a sentimentos de vergonha e ansiedade, que podem levar ao isolamento social e impactar negativamente a autoestima e a saúde mental. Profissionalmente, a IU pode diminuir a produtividade e a satisfação no trabalho, aumentando a intenção de deixar o emprego e reduzindo a eficiência no cuidado aos pacientes.

A revisão destaca a necessidade de abordagens no ambiente de trabalho para prevenir e gerenciar a IU entre enfermeiros, incluindo melhorias nas condições físicas, apoio psicológico e programas de educação sobre saúde urinária. Essas intervenções podem melhorar significativamente a qualidade de vida e a eficácia profissional dos enfermeiros, além de contribuir para a prestação de cuidados de saúde de maior qualidade.

Referências

ALENCAR-CRUZ, J. M. DE; LIRA-LISBOA, L. **Revista de salud publica (Bogota, Colombia)**, v. 21, n. 4, p. 390–397, 2019. Disponível em:

<https://doi.org/10.15446/rsap.V21n4.50016>

BURZYNSKI, B. *et al.* How urinary incontinence affects sexual activity in polish women: Results from a cross-sectional study. **International journal of environmental research and public health**, v. 19, n. 21, p. 13818, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph192113818>

CARNEIRO, J. A. *et al.* Prevalência e fatores associados à incontinência urinária em idosos não institucionalizados. **Cadernos saude coletiva**, v. 25, n. 3, p. 268–277, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201700030295>

FU, Y. *et al.* Exploring support, experiences and needs of older women and health professionals to inform a self-management package for urinary incontinence: a qualitative study. **BMJ open**, v. 13, n. 7, p. e071831, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.1136/bmjopen-2023-071831>

Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. *Principais questões sobre incontinência e urgência urinária*. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em:

<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/principais-questoes-sobre-incontinencia-e-urgencia-urinaria/>. Acesso em: 21 out. 2024.

HIGA, R.; LOPES, M. H. B. DE M. Porque profissionais de enfermagem com incontinência urinária não buscam tratamento. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 60, n. 5, p. 503–506, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672007000500004>

HIGA, R.; LOPES, M. H. B. DE M. The impact of urinary incontinence on female nursing personnel. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 60, n. 2, p. 213–216, 2007b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672007000200016>

HIGA, Rosangela. **Incontinencia urinaria: problema ocupacional entre profissionais de enfermagem**. 2004. 140p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1598669>. Acesso em: 6 nov. 2024.

IAMUNDO, L. F. *et al.* Prevalence and factors associated with pelvic floor dysfunction in university women: a cross-sectional study. **Fisioterapia em Movimento**, v. 35, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/fm.2022.35133>

KESSLER, M. *et al.* Efeito da incontinência urinária na autopercepção negativa da saúde e depressão em idosos: uma coorte de base populacional. **Ciencia & saude coletiva**, v. 27, n. 6, p. 2259–2267, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022276.10462021>

KIME, N.; ZWOLINSKY, S.; PRINGLE, A. Evaluation of the DigiBete app, a self-management app for type 1 diabetes: Experiences of young people, families, and healthcare professionals. **Children (Basel, Switzerland)**, v. 10, n. 12, p. 1933, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/children10121933>

KOK, G. *et al.* Prevalence of lower urinary tract symptoms in nurses and civil servants working at a hospital: a cross-sectional study. **African health sciences**, v. 21, n. 1, p. 220–229, 2021. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.4314/ahs.v21i1.29>

LOPES, L. G. *et al.* A systematic review of the prevalence, risk factors, and impact of pelvic floor dysfunctions in nurses. **Neurourology and urodynamics**, v. 38, n. 6, p. 1492–1503, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/nau.24042>

MAZO, G. Z. *et al.* Correlação entre incontinência urinária, disfunção sexual e avaliação subjetiva da contração muscular perineal em idosas fisicamente ativas. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 109–116, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-2950/21000528012021>

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. DE C. P.; GALVÃO, C. M. Use of the bibliographic reference manager in the selection of primary studies in integrative reviews. **Texto & contexto enfermagem**, v. 28, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0204>

NIGHTINGALE, G. Management of urinary incontinence. **Post reproductive health**, v. 26, n. 2, p. 63–70, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/205336912092711>

OLIVEIRA, L. G. P. *et al.* Impacto da incontinência urinária na qualidade de vida de mulheres: revisão integrativa da literatura. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 28, p. e51896, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2020.51896>

OUZZANI, M. *et al.* Rayyan—a web and mobile app for systematic reviews. **Systematic reviews**, v. 5, n. 1, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13643-016-0384-4>

PEINADO-MOLINA, R. A. *et al.* Pelvic floor dysfunction: prevalence and associated factors. **BMC public health**, v. 23, n. 1, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-023-16901-3>

PIERCE, H. *et al.* Urinary incontinence, work, and intention to leave current job: A cross sectional survey of the Australian nursing and midwifery workforce. **Neurourology and urodynamics**, v. 36, n. 7, p. 1876–1883, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/nau.23202>

RAO, Y. *et al.* Nursing workloads and lower urinary tract symptoms among Chinese female nurses: The mediating role of delayed voiding behaviors. **The journal of urology**, v. 211, n. 5, p. 699–706, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/JU.0000000000003862>

SOUSA, T. N. M. DE; CUNHA, F. V. M.; COSTA, T. P. DE C. O impacto da incontinência urinária em mulheres adultas jovens: Uma revisão da literatura. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 7, p. e10013746357, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v13i7.46357>

RIBEIRO, Juliana. **Prevalência e fatores associados de incontinência urinária em profissionais de enfermagem de um hospital universitário**. 2011. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em Saúde Pública) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2011. doi:10.11606/D.22.2011.tde-29082011-145004. Acesso em: 2024-11-05.

RUMENG, C. *et al.* Work-related factors associated with the pelvic floor dysfunction among a sample of female nurses in China. **Workplace health & safety**, v. 71, n. 6, p. 282–295, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/21650799231154>

SANTANA, L. C.; FERREIRA, L. A.; SANTANA, L. P. M. Occupational stress in nursing professionals of a university hospital. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 73, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0997>

TRICCO, A. C. *et al.* PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): Checklist and explanation. **Annals of internal medicine**, v. 169, n. 7, p. 467–473, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.7326/M18-08>

UZOIGWE, J. U. *et al.* Urinary Incontinence among female health workers in a tertiary health facility in Enugu, Nigeria. **International Journal of Medicine and Health Development**, v. 28, n. 3, p. 240–244, 2023.